

**A GUARDA DO SÁBADO PARA O ADVENTISMO DO
SÉTIMO DIA E AS AÇÕES DE JESUS NO SÁBADO,
NO EVANGELHO DE LUCAS**

**Sabbath keeping for Seventh-day Adventism and
Jesus' actions during the Sabbath in the Gospel of Luke**

Antonio Hugo Lima Lopes*

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/651328346390011>

RESUMO: Sabe-se que os Adventistas do Sétimo dia guardam o sábado como dia sagrado e evitam realizar ações nesse dia, como forma de obedecer a esse mandamento. Por outro lado, o evangelho de Lucas relata em algumas passagens as ações que foram cumpridas por Jesus no dia do sábado. Esse presente artigo dialoga com essas ideias conflitantes acerca do sábado.

Palavras-chave: Sábado; Guarda; Adventista; Evangelho; Lucas; Jesus.

ABSTRACT: It is known that Seventh-day Adventists guard the Sabbath as a holy day and they to avoid doing something as a form to obey this commandment. On the other hand, the Gospel of Luke reports in some texts the actions that Jesus performed on the Sabbath. This article dialogs with these opposite ideas about the Sabbath.

Key words: Sabbath; Guard; Adventist; Gospel; Luke; Jesus.

* Bacharel em Teologia e Especialista em Teologia Bíblica pela Faculdade Batista do Cariri (FBC). Mestrando de Artes em Ministério pela Carolina University, no estado de North Caroline, no EUA. Contato: jesustocoume@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Sabe-se que embora os Adventistas do Sétimo Dia não sejam os únicos a guardarem o sábado, são eles quem mais atraem, possivelmente depois dos judeus, a atenção para essa questão, talvez, porque diferente dos judeus que o aguardam com base unicamente no ensino do Antigo Testamento, os Adventistas o fazem ainda por dar crédito as visões de sua profetisa reconhecida, Ellen White, a qual alega ter recebido orientação divina sobre a guarda do sábado. O presente artigo visa expor o posicionamento dos adventistas e confrontá-lo com o que se apresenta nos registros do evangelista Lucas. Essa abordagem se inicia com uma visão geral, não exaustiva, sobre o que os adventistas creem e o porquê deles crerem desta forma. Após essa apresentação, será apontado o que Lucas dispõe como dado envolvendo o assunto da guarda do sábado.

1 - A GUARDA DO SÁBADO PARA OS ADVENTISTAS

Antes de tudo, faz-se necessário compreender o significado da guarda do sábado para os adventistas do sétimo dia. Por isso, será apresentado a importância da guarda do sábado, a sua origem e a sua base teológica, segundo a óptica dos adventistas.

1.1 - A importância da guarda do sábado

Para os adventistas, o sábado é apresentado como possuindo um significado tríplice, sendo por sua relação com a criação, a redenção e a restauração final (BACCHIOCCHI *apud* ARAÚJO; TAVARES, 2020, p. 291). Nota-se que há uma crença que segue uma compreensão teológica.

O sábado é um dia a ser dedicado a Deus, a família e aos amigos. Portanto, sua observância é algo a ser resgatado e enfatizado (TIMM *apud* ARAÚJO; TAVARES, 2020, p.291). Aponta-se que o sentido teológico da guarda do sábado se dá por representar um dia de desprezo para com o mundo e um dia para reafirmar a conexão com a presente era vivenciada (DOUKHAN *apud* ARAÚJO; TAVARES, 2020, p. 291). Isso faz com que o sábado seja visto como um dia sagrada, destinado a adoração, especialmente.

Essa doutrina é um pilar dentro do conjunto de crenças dos Adventistas. Afirma-se que a doutrina do sábado é reconhecida como sendo um distintivo para o movimento adventista desde sua origem (FOLLIS, GROGER, REIS *apud* ALVES, JESUS, OLIVEIRA, 2021, p.43).

Para tal, argumenta-se em prol da guarda do sábado com base em três princípios encontrados em Gênesis 2.3, pois Deus abençoa, santifica e descansa no sábado (ALVES, JESUS, OLIVEIRA, 2021, p. 43).

Em virtude do que foi pontuado acima, a própria igreja adventista do sétimo dia compreende que o sétimo dia da semana, o sábado, é o dia oficial para adoração. Esse não é apenas mais um dia de culto e repouso, e sim um dia sagrado em que não se deve executar atividade alguma, a começar do pôr do sol da sexta-feira até o pôr do sol do sábado (ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA apud SOUZA, 2018, p.7).

Como foi apontado, a guarda do sábado é uma doutrina vital na corrente teológica dos adventistas. Há um tempo determinado do início da noite de sexta até o início da noite de sábado que é estritamente reservado para não se executar atividades pelos membros compromissados desse grupo. Vale explicar como surgiu tal ensino.

1.2 - O surgimento do ensino da guarda do sábado

A doutrina a respeito da guarda do sábado teve seu início durante o evento denominado: “Clamor da meia-noite”, ocorrido em 1844 (ALVES, JESUS, OLIVEIRA, 2021, p. 44). Relata-se que a observância do sábado se deu por meio de Raquel Preston, uma batista do sétimo dia (LOUGHBOROUGH apud ALVES, JESUS, OLIVEIRA, 2021, p.45). Contudo, já era um ensino reconhecido e transmitido pelos batistas do sétimo dia desde 1650 (DENIS, FORTIN apud ALVES, JESUS, OLIVEIRA, 2021, p. 45).

Raquel Preston se muda para Washington, New Hampshire, local em que já existia uma congregação de adventistas. Na sequência de eventos, a senhora Preston influenciou a congregação em sua maioria, a observar o sábado. Com isso, a comunidade adventista em Washington converteu-se ao adventismo (OLIVEIRA apud ALVES, JESUS, OLIVEIRA, 2021, p. 45).

No ano seguinte, em 1845, um artigo foi concluído sobre a temática da guarda do sábado, precisamente no dia 13 de fevereiro. No dia 28 do mesmo mês, veio a ser publicado no Hope of Israel, Portland, Maine (LOUGHBOROUGH apud ALVES, JESUS, OLIVEIRA, 2021, p. 46). Esse artigo havia sido escrito por T.M. Preble. Essa é a suma da apresentação de seus argumentos:

(1) ‘somente um tipo de sábado foi dado a Adão e somente um permanece para nós (Hb 4:4-11); (2) na cruz, somente os sábados cerimoniais cessaram, não o sábado original moral; (3) os discípulos evidentemente guardaram o primeiro dia da semana como uma festa, em comemoração à ressurreição de Cristo,

mas nunca como sábado; a mudança pós-apostólica do sábado para o domingo foi obra do ‘chifre pequeno’, que modificaria ‘os tempos e as leis’ (Dn 7.25); (5) se os filhos de Deus são o verdadeiro Israel, então devemos guardar o sábado também; e (6) devemos iniciar o sábado no fim da tarde de sexta-feira e terminá-lo ao fim da tarde de sábado (TIMM apud ALVES, JESUS, OLIVEIRA, 2021, p. 45).

A popularidade da guarda do sábado se espalhou, chegando ao conhecimento de José Bates que depois de visitar a igreja em Washington, New Hampshire e investir um tempo em estudos com eles, retornou à sua cidade, New Bedford, Massachusetts, como um adepto da guarda do sábado (LOUGHBOROUGH apud ALVES, JESUS, OLIVEIRA, 2021, p. 45-46). A partir dali, Bates tornou-se um divulgador desse novo ensino. Ele passou a publicar vários panfletos, sendo reconhecido como o primeiro escritor e teólogo sabatista. Além disso, foi reconhecido como um dos fundadores do adventismo e seu missionário mais zeloso (KNIGHT apud ALVES, JESUS, OLIVEIRA, 2021, p. 46).

Em 1846, Bates conheceu Ellen Harmon na cidade de New Bedford. Nessa época, Ellen não dava importância ao sábado por julgar que Bates estivesse em um equívoco teológico até que ela mesma teria recebido uma visão do santuário celestial. Conforme a visão, Ellen contemplou as tábuas nas quais os dez mandamentos foram escritos. Em tal evento, o quarto mandamento foi destacado por uma suave luz que o circuncidava. Um anjo que anuncia que este mandamento em específico é o único que testemunha de Deus como o criador do céu e da terra, e tudo o mais que existe neles. Fora dito ainda que quando os fundamentos da terra foram estabelecidos, o sábado, igualmente, o foi (LOUGHBOROUGH apud ALVES, JESUS, OLIVEIRA, 2021, p. 47). Na sequência, Ellen e o seu agora marido, Tiago White, passaram a guardar o sábado como uma lei imutável de Deus (DENIS, FORTIN apud ALVES, JESUS, OLIVEIRA, 2021, p. 47).

1.3 - A base teológica para a guarda do sábado

Os adventistas alegam que a Bíblia é o seu credo fundamental, sendo um texto de fundamentação Deuteronômio 5.12-15. Embora se tenham crenças fundamentais alicerçadas nas Escrituras, (SABAINÉ apud SOUZA, 2018, p.5) acrescenta-se ainda a crença nas profecias reveladas a Ellen White (SCHUNEMANN apud SOUZA, 2018, p. 5), considerada sua profetisa.

Os adventistas do sétimo dia argumentam que o mandamento do sábado foi estabelecido por Deus no final da semana da criação como um memorial. As passagens utilizadas para essa fundamentação são: Êxodo 20.11; Salmos 33.6-9; Marcos 10.6; Mateus 19.4; 2 Coríntios 4.6; João 1.1-3, 10 e Apocalipse 14.7. Posteriormente, no contexto do pecado, há uma extensão desse

memorial, agora, para relembrar a redenção (TIMM *apud* ALVES, JESUS, OLIVEIRA, 2021, p.47).

Em suma, argumenta-se que o sábado deve ser guardado em razão de Deus o ter abençoado, descansado nele e o santificado, utilizando para fundamentação o texto de Gênesis 2.1-3 (KNIGHT *apud* ALVES, JESUS, OLIVEIRA, 2021, p.48). A guarda do sábado não expirou, antes o sábado tem uma duração eterna, ou seja, Deus o fez para todos os tempos (HAYDES *apud* ALVES, JESUS, OLIVEIRA, 2021, p. 49). Por sua relevância, será observado pelos salvos na nova terra, de acordo com o ensino do profeta Isaías 66.23 (ALVES, JESUS, OLIVEIRA, 2021, p. 49). Trata-se de um símbolo da nova aliança eterna de Deus com seus filhos que prossegue de eternidade a eternidade (Cf. Gn 2.2,3 e Is 66.22,23) (TIMM *apud* ALVES, JESUS, OLIVEIRA, 2021, p.49).

Em relação ao Novo Testamento, o adventismo defende que todos os que foram salvos por Cristo guardam a sua Lei, pois foram salvos para as boas obras (Ef 6.10) e na Lei está incluso o dever de santificar o sábado, que é o sétimo dia, sendo esse um ato de reconhecimento da soberania divina. Quanto aos dias atuais, não há indicadores de que o sábado tenha sido mudado ou substituído por outro dia com autorização divina. Argumenta-se que Jesus nunca ratificou tal mudança no dia de adoração. Portanto, a guarda do domingo se deu por meio da observação e aceitação popular a respeito desse dia (PADILHA, PEREIRA, 2021, p. 154).

Nessa segunda parte, serão apresentados e discutidos os registros de Lucas em que Jesus realizou ações no dia de sábado, o dia em que de acordo com os adventistas, não se deve realizar atividade alguma.

2 - A GUARDA DO SÁBADO DA PERSPECTIVA DO EVANGELHO DE LUCAS

O evangelho de Lucas menciona passagens em que Jesus confronta diretamente a guarda do sábado. Serão apresentadas ações que foram cumpridas por Jesus e apenas uma ação que foi cumprida pelos seus discípulos, em um dia de sábado, todavia, com o seu consentimento. Essas atividades são consideradas ações de cura majoritariamente e uma ação reconhecida como trabalho. A primeira a ser vista na sucessão dos registros de Lucas é a ação de cura.

2.1 - O primeiro relato de cura no sábado

Esse primeiro relato de cura operado por Jesus se encontra em Lucas 4. 31-39:

31 E desceu a Cafarnaum, cidade da Galileia, e os ensinava nos sábados. 32 E admiravam a sua doutrina porque a sua palavra era com autoridade. 33 E estava na sinagoga um homem que tinha o espírito de um demônio imundo, e exclamou em alta voz, 34 Dizendo: Ah! Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste a destruir-nos? Bem sei quem és: O Santo de Deus. 35 E Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te, e sai dele. E o demônio, lançando-o por terra no meio do povo, saiu dele sem lhe fazer mal. 36 E veio espanto sobre todos, e falavam uns com os outros, dizendo: Que palavra é esta, que até aos espíritos imundos manda com autoridade e poder, e eles saem? 37 E a sua fama divulgava-se por todos os lugares, em redor daquela comarca. 38 Ora, levantando-se Jesus da sinagoga, entrou em casa de Simão; e a sogra de Simão estava tomada por uma grande febre, e rogaram-lhe por ela. 39 E, inclinándose para ela, repreendeu a febre, e esta a deixou. E ela, levantando-se logo, servia-os (BÍBLIA, 2011, p. 1086).

Uma observação que se sobressai no texto é que se trata de duas curas operadas no sábado. A primeira é a de um homem com um espírito maligno e a segunda é a sogra de Pedro. Quanto ao relato da primeira cura mencionada no texto, confere-se que Jesus vai até uma sinagoga durante o sábado com o propósito de ensinar. Na sinagoga, encontrava-se um homem com um espírito maligno que havia passado despercebido aos olhos dos líderes religiosos. Quando Jesus começa a ensinar, o demônio se faz notório aos olhos das testemunhas, manifestando-se de forma raivosa, por não querer ser incomodado por Jesus. O demônio o identifica como o Santo de Deus, antes de proferir a sua reclamação. Jesus reage e por meio de uma palavra poderosa, ordena ao demônio que se cale e deixe o homem (MCGEE, NEVES, 2012, p. 61).

É válido considerar o uso do termo “Santo de Deus” feita pelo possesso que contrasta fortemente com a natureza impura do espírito que faz tal declaração. Nota-se que Jesus não precisa de encanto, nem de apelo a uma autoridade alheia, antes ele utiliza apenas uma simples palavra de ordem com base em sua própria autoridade. Verifica-se a descrição precisa de um médico escritor que salienta que o espírito imundo o deixa violentamente, mas sem feri-lo (LIEFELD, 1984, p. 873).

A segunda cura realizada por Jesus ocorre no mesmo dia. Após sair da sinagoga, Jesus segue direto para a casa de Simão. Relata-se que o motivo de sua urgência se dá pelo fato da sogra de Simão se encontrar com febre, mas não uma febre comum, e sim uma alta febre (HENDRIKSEN, 2014, p. 327). O texto não dispõe muitos detalhes, mas o que se sabe com certeza é que Simão, que viria a ser o grande apóstolo Pedro, era casado e morava em uma casa com sua esposa e sogra. Em tal ocasião, Jesus se inclina sobre a sogra de Simão e repreende a febre e esta a deixa (RIENECKER, 2005, p.124). Observa-se que o poder de Cristo sobre a doença é tão grande que basta uma palavra sua e ela imediatamente cessa (HENDRIKSEN, 2014, p. 327).

Essa primeira ação de cura realizada por Jesus precederia muitas outras. Ele começa a mostrar por meio de suas ações que pode fazer o que julgar necessário não importando o dia que seja da semana. Agora, uma ação realizada pelos discípulos de Jesus, mas com o seu consentimento.

2.2 - O relato de trabalho no sábado

O texto que apresenta essa citação está em Lucas 6.1-5:

1 E aconteceu que, no segundo sábado após o primeiro, ele passou pelas searas, e os seus discípulos iam arrancando espigas e, esfregando-as com as mãos, as comiam. 2 E alguns dos fariseus lhes disseram: Por que fazeis o que não é lícito fazer nos sábados? 3 E Jesus, respondendo-lhes, disse: Nunca lestes o que fez Davi quando teve fome, ele e os que com ele estavam? 4 Como entrou na casa de Deus, e tomou os pães da proposição, e os comeu, e deu também aos que estavam com ele, os quais é lícito comer senão aos sacerdotes? 5 E dizia-lhes: O Filho do homem é Senhor até do sábado (BÍBLIA, 2011, p. 1088).

De acordo com o raciocínio dos fariseus não se podia trabalhar no sábado, uma vez que os rabinos haviam elaborado uma lista com 39 trabalhos que foram divididos em seis categorias, sendo todas proibidas no sábado. Conforme a lista, apanhar espigas era colher e esfregá-las, trilhar. Perante esse conjunto de tradições, os discípulos de Jesus estavam em falta e ele nada fazia a respeito. Diante dessa acusação, Jesus questiona se eles não haviam lido sobre o que Davi havia feito quando teve fome. Isso era uma chamada aos fariseus que se consideravam os doutores da lei. Jesus os relembra que Davi e seus homens comeram os pães consagrados que somente os sacerdotes poderiam comê-los (HENDRIKSEN, 2014, p. 390).

A título de esclarecimento, os pães da proposição eram doze pães postos em uma mesa de aproximadamente noventa centímetros, com quarenta e cinco centímetros de largura e sessenta e oito centímetros de altura. A mesa era confeccionada com ouro puro em sua cobertura e moldura. Havia quatro argolas de ouro pelas quais se passariam as varas, durante seu transporte. O simbolismo dos doze pães apontava para as doze tribos de Israel e a comunhão constante do povo com o seu Deus. A cada sábado, o pão velho era trocado (1 Samuel 21.6) por um pão fresco. Tais pães deveriam ser consumidos pelos sacerdotes, não podendo ser outra pessoa (HENDRIKSEN, 2014, p. 390-391).

Relata-se em 1 Samuel 21 que Davi, em um momento de grande necessidade, teve o direito de ignorar essa provisão cerimonial divinamente ordenada por Deus. Portanto, Jesus,

sendo alguém muito mais eminente que Davi, em iguais condições de necessidade, certamente poderia passar por um regulamento sabático totalmente injustificado e de invenção humana (HENDRIKSEN, 2014, p.391). O que se vê é que Jesus evidencia que a lei positiva está sujeita, ou serve, ao bem do homem. Em virtude disso, a necessidade de sobreviver está acima da lei (MCGEE, NEVES, 2012, p.72).

Os estudiosos da tradição rabínica apontam que o sábado era um deleite, mas as regras para observá-lo eram detalhistas e repressivas. Considerando essa realidade, Jesus não estaria incentivando uma atitude mais liberal frente a guarda do sábado, e sim indicando que seus confrontadores haviam esquecido a razão desse dia santo. Eles deveriam ter percebido que atos de misericórdia não deveriam apenas ser admitidos, mas reconhecidos como obrigatórios (MORRIS apud MCGEE, NEVES, 2012, p.72).

Nota-se a dureza dos fariseus que eram exímios estudiosos do Antigo Testamento, mas não exerciam misericórdia que é ensinada por Deus nas Escrituras do mesmo Antigo Testamento. Não é à toa que Jesus, quando escuta os fariseus questionarem seus discípulos por ele estar sentado à mesa com publicanos e pecadores, rebate: “Ide, porém, e aprendei o que significa: Misericórdia quero, e não sacrifício” (BÍBLIA, 2011, p. 1022), citando o profeta do Antigo Testamento, Oséias (Cf. Mateus 9.13).

Além disso, Jesus reivindica ser o senhor do sábado nessa ocasião, ou seja, ele possui autoridade para estabelecer princípios que regem esse dia. Cristo podia agir como tal, pois toda autoridade lhe havia sido dada (Mt 11.27; 28.18), ele era como o Pai (Jo 10.30) e o Pai se deleitava nele (Lc 3.22) (HENDRIKSEN, 2014, p.391). Desse modo, Jesus introduz uma nova ordem humano-religiosa. Nessa nova fase, instituições, estruturas, leis e costumes estariam ao serviço do homem, sendo abolidas ou até deixando de ser prioritárias. Essa era a novidade do evangelho (MCGEE, NEVES, 2012, p. 72).

Faz-se necessário considerar que Jesus, em seu ministério terreno, foi completamente homem, mas sem abandonar a essência divina. Ele esteve presente quando tudo que existe estava sendo criado (Cf. Cl 1.16-17), logo, estabeleceu as regras e concedeu as diretrizes. Ele pode fazer o que lhe apraz em qualquer dia da semana. Em seu ato de consentir a ação dos discípulos, mostra que ele validou tal ação, não a vendo como ilegítima. Os registros que virão na sequência apresentarão mais ações de curas praticadas por Jesus no sábado.

2.3 - O segundo relato de cura no sábado

O segundo relato de uma cura operada por Jesus durante o sábado está registrado em Lucas 6. 6-11:

6 E aconteceu também noutro sábado, que entrou na sinagoga, e estava ensinando; e havia ali um homem que tinha a mão direita mirrada. 7 E os escribas e fariseus observavam-no, se o curaria no sábado, para acharem de que o acusar. 8 Mas ele bem conhecia os seus pensamentos; e disse ao homem que tinha a mão mirrada: Levanta-te, e fica em pé no meio. E, levantando-se ele, ficou em pé. 9 Então Jesus lhe disse: Uma coisa vos hei de perguntar: É lícito nos sábados fazer o bem, ou fazer mal? Salvar a vida, ou matar? 10 E, olhando para todos em redor, disse ao homem: Estende a tua mão. E ele assim o fez, e a mão lhe foi restituída sã como a outra. 11 E ficaram cheios de furor, e uns com os outros conferenciavam sobre o que fariam a Jesus (BÍBLIA, 2011, p. 1088).

Percebe-se no referido texto um agravamento do conflito entre Jesus e os seus adversários. Nos versículos 1-5, o ataque dos fariseus é direcionado aos discípulos, mas do que a Jesus. Contudo, nos versículos 6-11, Jesus é o alvo principal. A razão para tal se dá porque um homem que tinha uma deformidade em sua mão direita havia sido curado por Jesus no sábado. Esse é o relato de Lucas que por sinal era médico (HENDRIKSEN, 2014, p. 393). O detalhe que Lucas fornece de que se tratava da mão direita, parece enfatizar a mão que é supostamente a mais necessária, uma vez que a maioria das pessoas é destra. Isso também ilustra a bondade de Jesus em restaurá-la (GUNDRY, 2008, p.284).

Nesse contexto de cura, sabe-se que os discípulos de Shammai possuíam uma interpretação mais restrita quanto a observância do sábado. Essa visão mais restrita prevalecia em Jerusalém. Outro grupo era representado pelos discípulos de Hillel, esses possuíam uma visão mais ampla e a sua maior influência se concentrava na Galileia. Todavia, ambos os grupos estavam de acordo que seria possível existir uma cura no sábado, desde que se tratasse de alguém que estivesse genuinamente em perigo (HENDRIKSEN, 2014, p. 393-394).

Jesus lança um questionamento aos seus telespectadores hostis. Ele indaga se é lícito fazer o bem e salvar ou fazer o mal e matar. A profundidade dessa pergunta está na perspicácia de Jesus em contrastar a sua ação com a ação dos fariseus em sua presença. Jesus é aquele que está desejoso de operar o bem e salvar. Os fariseus, por sua vez, possuem intenções duvidosas. Vale lembrar que as ações dos fariseus também são realizadas em um sábado (HENDRIKSEN, 2014, p. 395).

Aparentemente, os fariseus não consideravam essa cura uma urgência à altura, o que se demonstra por sua fúria perante a boa ação de Jesus. O texto diz que eles arquetetam de que forma

poderiam proceder para com Jesus, o que obviamente não seria visando o bem de Jesus. Essa ira insensata dos fariseus serve de contraponto para com a bondade explícita de Jesus perante os olhos de testemunhas oculares, no meio da congregação na sinagoga (GUNDRY, 2008, p. 284).

Nota-se, portanto, que os fariseus em sua elevada arrogância julgavam a si mesmos como os delimitadores de boas ações, uma vez que parecem querer decidir o dia e a quem deveria ser realizada uma boa ação. Eles agiam como se fossem mais sábios do que o próprio Deus. Lucas apresenta outro registro de cura durante o sábado que deve ser conferido.

2.4 - O terceiro relato de cura no sábado

Esse terceiro relato está registrado em Lucas 13.10-17:

10 E ensinava no sábado, numa das sinagogas. 11 E eis que estava ali uma mulher que tinha um espírito de enfermidade, havia já dezoito anos; e andava curvada, e não podia de modo algum endireitar-se. 12 E, vendo-a Jesus, chamou-a a si, e disse-lhe: Mulher, está livre da tua enfermidade. 13 E pôs as mãos sobre ela, e logo se endireitou, e glorificava a Deus. 14 E, tomando a palavra o príncipe da sinagoga, indignado porque Jesus curava no sábado, disse à multidão: Seis dias há em que é mister trabalhar; nestes, pois, vindo para serdes curados, e não no dia de sábado. 15 Respondeu-lhe, porém, o Senhor, e disse: Hipócrita, no sábado, não desprende da manjedoura cada um de vós o seu boi, ou jumento, e não o leva a beber? 16 E não convinha soltar desta prisão, no dia de sábado, esta filha de Abraão, a qual há dezoito anos Satanás tinha presa? 17 E, dizendo ele isto, todos os seus adversários ficaram envergonhados, e todo o povo se alegrava por todas as coisas gloriosas que eram feitas por ele.” (BÍBLIA, 2011, p. 1103).

Cabe ressaltar que o sábado representava a principal instituição judaica, sendo um distintivo da religião judaica. Em sua origem, havia sido idealizado por Deus para ser um dia de descanso (Cf. Êxodo 20.8-11), contudo, séculos depois transformara-se na expressão de uma religiosidade vazia, um dia penoso no qual não era sequer permitido prestar um auxílio a um necessitado (MCGEE, NEVES, 2012, p.139).

Contudo, nessa ocasião relatada por Lucas, Jesus estava ensinando na sinagoga, quando foi interrompido por uma mulher, apesar disso, a interrupção não lhe traz nenhuma insatisfação, antes Jesus enxerga uma oportunidade de operar felicidade, cura e salvação, além de deixar evidente o tipo de atividade que era lícita e permitida para o sábado. Jesus opera a cura dessa mulher diante dos olhos de todos os presentes na congregação. Torna-se nítido que ela fora curada

pelo poder de Deus por meio de Jesus. A libertação se deu tanto no âmbito físico quanto espiritual, uma vez que ela fora liberta da opressão de Satanás (HENDRIKSEN, 2014, p. 215).

Após essa maravilhosa obra, o líder da sinagoga reage a multidão, embora fosse Jesus o alvo de sua ira, é a multidão que é criticada. Aparentemente, esse líder podia interpretar bem os textos relativos aos dias em que se deveria trabalhar, como Êxodo 20.9-10 e Deuteronômio 5.13, todavia, ele ignorava os textos que tratavam da conduta que se deveria ter diante de Deus, seja qual for o dia, mas especialmente no sábado, como Isaías 58 aponta, e também os textos de Gênesis 2.1-3 e Miquéias 6.8 (HENDRIKSEN, 2014, p. 216).

No que segue, Jesus expõe o quão incoerentes eram os que reprimiam a sua boa ação. Jesus fala com propriedade que eles não deixavam de saciar a sede de seus animais por ser sábado, logo, Jesus poderia livrar do cativeiro essa mulher que sofria por dezoito anos, sem precisar acrescentar mais um dia de sofrimento a ela, apenas por ser um dia de sábado (HENDRIKSEN, 2014, p. 216-217).

Jesus confronta a censura recebida por seu ato, embora não diretamente a ele, questiona o que valia mais, colocando em comparação a vida do animal e do ser humano. Se até mesmo um animal poderia ser atendido em sua necessidade, muito mais uma mulher que vivia quase duas décadas, dezoito anos, presa pelo demônio, deveria ser liberta (MCGEE, NEVES, 2012, p.139). Confere-se que o fato de Jesus curar uma mulher no sábado evidencia tanto seu humanitarismo, contrastando com a indignação legalista do líder da sinagoga, quanto a sua estima por tal mulher, por ser ela uma filha de Abraão (GUNDRY, 2008, p. 295).

O texto apresenta mais uma confirmação de que Jesus não se furtava de praticar uma ação de bondade e misericórdia, unicamente por ser um dia de sábado. Muito menos se inibia por estar perante fariseus que julgavam conhecer a Lei mais do que aquele que a criou. Finalmente, há ainda uma última passagem registrada por Lucas no que tange a uma atividade consumada no sábado. Trata-se de mais uma cura realizada por Jesus.

2.5 - O quarto relato de cura no sábado

O texto que informa a quarta cura realizada por Jesus é o de Lucas 14.1-6:

1 Aconteceu num sábado que, entrando ele em casa de um dos principais dos fariseus para comer pão, eles estavam observando. 2 E eis que estava ali diante dele um certo homem hidrópico. 3 E Jesus, respondendo, falou aos doutores da lei, e aos fariseus, dizendo-o: É lícito curar no sábado? 4 Eles, porém,

calaram-se. E, tomando-o, o curou e despediu. 5 E respondendo-lhes disse: Qual será de vós o que, caindo-lhe num poço, em dia de sábado, o jumento ou o boi, o não tire logo? 6 E nada lhe podiam replicar sobre isto (BÍBLIA, 2011, p.1104).

Esse relato representa o quarto registro de Lucas acerca da controvérsia envolvendo o sábado, sendo esse o ápice da discussão entre Jesus e os fariseus (LIEFELD, 1984, p. 976). Nesse evento, há quem interprete que nem todos os fariseus eram hostis a pessoa de Jesus, pois se verifica que um fariseu importante o convidara para estar em sua casa (HENDRIKSEN, 2014, p. 20). Por outro lado, encaixa-se melhor visualizar essa cena como uma armadilha elaborada para ver Jesus incorrer em falta. Apesar de suspeitar, Jesus aceita o convite. O fariseu anfitrião usa ainda um doente como estratégia para que Jesus o curasse no sábado, o que se configuraria em uma infração para os fariseus que julgariam essa ação como um trabalho no sábado (MCGEE, NEVES, 2012, p. 146).

O anfitrião de Jesus deveria ser um membro do sinédrio (Cf. Lc 7.3) ou o presidente de sinagoga (Lc 8.41; 13.14), pertencendo ao partido dos fariseus. Os outros convidados ali presentes eram os rabinos, os quais são mencionados como doutores da lei. Todos neste banquete eram pessoas eminentes, exceto uma personagem que também fora convidado, um homem hidrópico (RIENECKER, 2005, p. 304).

O cenário está formado, estão presentes os fariseus cheios de ódio contra Jesus, também se encontra um homem que sofria de hidropisia (HENDRIKSEN, 2014, p. 20), uma doença responsável por ocasionar acúmulo de líquido e inchaço no corpo todo ou em uma de suas partes, como por exemplo, no ventre, ocasionando o nome popular de barriga d'água (KASCHEL, ZIMMER, 1999)¹. A hidropisia sinalizava um sintoma de uma grave doença do coração e dos rins, aparentemente incurável. Isso deixava ainda mais evidente o poder milagroso de Jesus (RIENECKER, 2005, p. 305). Como base no que já foi destacado sobre a conduta de Jesus, obviamente, ele não se privaria de aliviar o sofrimento daquele homem unicamente por ser sábado. Jesus não temera a reprovação dos fariseus anteriormente e não o faria agora.

O fato deste enfermo está presente, indica que ele fora convidado pelo anfitrião. Jesus é observado pelos demais presentes que aguardavam para ver se ele o curaria. Cristo intervém e faz uma primeira pergunta inquirindo se era ou não lícito curar no sábado. Ele abre um debate para uma discussão jurídica controversa, pois, de modo geral, os judeus acreditavam que não se deveria curar no sábado se não existisse um real risco de vida (RIENECKER, 2005, p. 304).

¹ Pesquisado no software Logos 8 em português, onde não se encontra uma página para referenciar.

Jesus faz, então, uma segunda pergunta, agora, questionando o que deveria ser feito se um filho ou um boi caísse em um buraco no dia de sábado. Pela expressão “filho”, Jesus evidenciava a sua compaixão pelo enfermo em questão, contrastando com a impiedade dos fariseus. Aparentemente, os adversários de Jesus justificavam o trabalho no sábado por motivação egoísta, caso fosse preciso salvar um dos animais domésticos mais úteis, logo, eles não têm o que dizer, pois não sabem como responder. Por isso, diante de mais essa pergunta de Jesus só resta silenciar (RIENECKER, 2005, p. 305).

Esse silêncio dos fariseus diante dessa última cura operada por Jesus representa bem o desfecho para todos os embates envolvendo a guarda do sábado. Nesse novo tempo inaugurado por Jesus, ele poderia agir no sábado se assim o quisesse, como o fez. Diante das críticas, do ódio e da reprovação que emanavam dos fariseus, Jesus continuou a agir e os fariseus nada puderam fazer, a não ser silenciar. Jesus é Deus e o Senhor do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi visualizado, o sábado para os adventistas é um dia de culto e de repouso, mas não somente, pois é principalmente um dia de adoração. Em virtude disso, não se deve executar ação alguma. Eles alegam extrair esse ensino do Antigo e do Novo Testamento, acrescido das visões de sua profetisa, Ellen White. Todavia, parecem ignorar vários textos escritos por Lucas em seu evangelho, em que se visualiza que Jesus realiza curas e não vê problema em seus discípulos colherem alimentos para saciar a fome deles.

Outro contraponto se dá em relação ao sentido simbólico do sábado enquanto um memorial da criação e, posteriormente, como um memorial da redenção. Essa forma de pensar é redundante, pois já se tem o memorial da redenção ilustrado no evento da Páscoa, quando o cordeiro foi imolado, sendo Jesus identificado como a Páscoa por Paulo (Cf. 1 Coríntios 5.7). A Páscoa agora possui um memorial superior ao evento do Êxodo, uma vez que relembra o sacrifício de Jesus realizado durante a Páscoa (Cf. João 19.14). Além disso, há essa representação no rito da Santa Ceia, que em si, já é um memorial da morte e ressurreição de Cristo, conforme apontada por Paulo em 1 Coríntios 11.23-26. Portanto, não cabe conferir a guarda do sábado mais esse simbolismo que já é bem visualizado na própria Páscoa e na celebração da Ceia.

Deve ser considerado ademais que alegar a inexistência de indícios que sustentem a adoção do domingo como o dia destinado a adoração cristã é um equívoco, pois o segundo volume do registro de Lucas, Atos, fundamenta essa mudança. Ressalta-se que Lucas é igualmente o autor de Atos, uma vez que ambos os escritos possuem o mesmo destinatário, Teófilo. Além disso,

fatores como: estilo, vocabulário e a escolha das palavras corroboram esse entendimento. Portanto, trata-se de um mesmo livro que foi escrito em duas partes, sendo Atos a continuação do evangelho de Lucas (KISTEMAKER, 2016, p. 67).

Não é a proposta deste artigo iniciar uma nova discussão, mas só a nível de exemplificação, Lucas registra em seu evangelho que a ressurreição de Jesus ocorreu no domingo (Cf. Lc 24.1). Partindo dessa certeza, em Atos é visualizado que Jesus ascendeu aos céus no 40º dia após a Páscoa, o que seria uma quinta-feira, sendo dez dias antes do Pentecostes (KISTERMAKER, 2016, p. 79). O que indica que o evento do Pentecostes se deu no domingo. Com isso, amarra-se uma sucessão de eventos importantes que ocorreram nesse dia, como: a descida do Espírito Santo (Cf. At 2.1-4); a primeira pregação com base na morte e ressurreição de Cristo (Cf. At 2.14-36) e a conversão e batismo de quase três mil, já seguindo o modelo ensinado por Jesus, sendo esse o primeiro batismo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Mt 28.19; At 2.41).

Há muitas evidências de que o dia de adoração e culto a Deus por parte de sua igreja passa a ser o domingo, não o sábado. Jesus deu provas a esse respeito por meio de suas ações realizadas no sábado, assim como o autor Lucas expressou em seu evangelho.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Dasy; JESUS, Claiton; OLIVEIRA, Kerly. **A percepção da família adventista sobre a guarda do sábado**. Revista Luzeiros, Amazonas, vl. 2, n. 2, p. 43-63, janeiro, 2021.

ARAÚJO; TAVARES. **A validade do sábado**: um estudo exegético em Colossenses 2.16-17. Revista Luzeiros, Amazonas, vl.1, n.1, p. 290-329, fevereiro, 2020.

BÍBLIA SAGRADA. **Almeida Corrigida Fiel**. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2011.

GUNDRY, Robert H. **Panorama do Novo Testamento**. 3. ed. atual. e ampl. São Paulo: Vida Nova, 2008.

KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. **Dicionário da Bíblia de Almeida**. 2. Ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

KISTERMAKER, Simon. **Atos**. 2. ed. vol. 1. São Paulo: Editora Cultura Cristã.

HENDRIKSEN, W. **Lucas**. 2. ed. vol. 1. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014.

_____. **Lucas**. 2. ed. vol. 2. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014.

LIEFELD, W. L. Luke. In: F. E. (Org.). **The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke**. v. 8. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1984.

MCGEE, J. V.; NEVES, I. **Comentário Bíblico de Lucas: através da Bíblia**. São Paulo: Radio Transmundial, 2012.

PADILHA, Mauro; PEREIRA, Ezinaldo. **Sábado: peso ou libertação à luz de Números 15.32-36**. Revista Luzeiros, Amazonas, vl.2, n.2, p. 145-156, julho, 2021.

RIENECKER, F. **Comentário Esperança: Evangelho de Lucas**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2005.

SOUZA, Carina S. A. **A igreja adventista do sétimo dia (IASD) e a guarda do sábado**. Revista In Totum, Vitória, v.5, n.1, p.5-8, janeiro, 2018.